

RAIZEIROS E RAIZEIRAS ENQUANTO MULTIPLICADORES DO CONHECIMENTO POPULAR: UM RESGATE NA LITERATURA

Cristina Ruan Ferreira de Araújo^{1}; José Olivandro Duarte de Oliveira²; Juliana Cavalcanti Resende²; Marília Gabriela Pinheiro Bezerra³; Eliene Pereira da Costa⁴; Mayrla de Sousa Coutinho⁴.*

1. Coordenadora do PET – FITOTERAPIA/Conexões de Saberes. Docente Adjunta da Unidade Acadêmica de Ciências da Saúde, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande (UACS-CCBS-UFCG). Campina Grande – PB.

*Correspondência: Rua Juvêncio Arruda S/N, Campus Universitário, Bodocongó, CEP: 58.429-600. Telefone: (083) 2101-1421. E-mail: profcristinaruan@bol.com.br

2. Bolsistas do PET – FITOTERAPIA/Conexões de Saberes. Discentes do Curso de Psicologia (UACS-CCBS-UFCG).

3. Bolsista do PET – FITOTERAPIA/Conexões de Saberes, Discente do Curso de Medicina (UACM-CCBS-UFCG)

4. Voluntária e Bolsista do PET – FITOTERAPIA/Conexões de Saberes, Discentes do Curso de Enfermagem (UACS-CCBS-UFCG).

RESUMO

O costume de fazer uso de plantas no tratamento de doenças remonta aos primórdios da civilização, e sempre teve, como meta, a recuperação da saúde. São várias as pessoas que procuram os serviços de raizeiros e raizeiras em busca de orientações com fins de obter possíveis curas pelo aspecto natural dos produtos comercializados. Os raizeiros e raizeiras foram aqui entendidos numa dimensão histórica, sistêmica e transdisciplinar. Para tanto foram realizadas, concomitantemente, uma revisão da literatura acerca do que já se produziu quanto ao saber popular, bem como suas implicações visando-se a ressaltar a atualidade e inovação da temática abordada. É dispensada, a esses trabalhadores, uma função que até então era validada por quem os procurava, ao passo que parece estar se perdendo esse costume diante de um desinteresse das pessoas que poderiam estar mais dispostas ou entusiasmadas a compreenderem os valores que cada um dos produtos naturais possui e que são tipicamente oferecidos pelos raizeiros e raizeiras. É pertinente ressaltar que os raizeiros e raizeiras, em sua maioria, desconhecem a composição química das plantas e os riscos de seu uso medicinal, principalmente quando recomendam chás, extratos ou outros derivados de plantas, simultaneamente a um tratamento convencional -- ao expor o usuário a riscos de interações que provocam consequências inesperadas, às vezes perigosas para os usuários.

Descritores: Medicina Tradicional. Plantas Medicinais. Etnofarmacologia.

HEALERS AS DISSEMINATORS OF POPULAR KNOWLEDGE AND BELIEFS: REVISING EXISTING LITERATURE

ABSTRACT

The custom of making use of plants to treat a disease is known since the dawn of civilization, always with the goal to restore health. There are many people who seek the services of healers for the purpose of obtaining potential cures by using natural products. The healers were here seen in a historical, systemic and transdisciplinary dimension. For this purpose we reviewed the literature on what has been written about the popular knowledge and its implications in order to highlight the innovation and the novelty related to this issue. The custom of looking for healers decreasing due to a lack of interest of people who might be more willing and enthusiastic to understand the values that each natural product has and is typically offered by healers. It is worth mentioning that the majority of the healers are unaware of the chemical composition of plants and the risks of their medicinal use, especially when recommending teas, extracts and other plant-derived, while you make a

conventional treatment, exposing the user to the risk of interactions causing unintended consequences, sometimes dangerous to users.

Keywords: Tradicional Medicine. Medicinal Plants. Ethnopharmacology.

INTRODUÇÃO

Nas diversas civilizações prevalece uma estreita relação entre o homem e as plantas. O homem aprendeu instintivamente, a partir da observação do comportamento alimentar dos animais, que poderia diferenciar as espécies comestíveis daquelas consideradas medicinais e tóxicas (1-2).

A história do uso de plantas medicinais tem mostrado que elas fazem parte da evolução humana, e que foram os primeiros recursos terapêuticos utilizados pelos povos. As antigas civilizações têm suas próprias referências históricas acerca das plantas medicinais de modo que, muito antes de aparecer qualquer forma de escrita, o homem já utilizava as plantas seja como alimento seja como remédio. Nas suas experiências com ervas, os usuários tiveram sucessos e fracassos, sendo que, muitas vezes, as plantas curavam e, em outras, matavam ou produziam efeitos colaterais severos (3).

Raizeiros e raizeiras – como são chamados pelos brasileiros –, são pessoas que geralmente sobrevivem comercializando plantas medicinais. Apresentam conhecimentos empíricos para identificar, coletar, preparar e indicar vegetais, como forma de tratamento para algum mal ou enfermidade (4). Entretanto, existem também aqueles que assimilaram esses conhecimentos de seus antepassados, posto que sabem cultivar, coletar as espécies vegetais que necessitam, preparar e indicar quais delas podem ser ou não comercializadas (5).

Destarte, o que os raizeiros e raizeiras detêm em sua prática é o saber popular ou ciência popular, a partir dos quais os múltiplos conhecimentos produzidos por homens e mulheres são obtidos a partir de observações, formulação de hipóteses e generalização de modo solidário (6). Completa-se, ainda, que o saber popular seja aquele associado às práticas cotidianas das classes destituídas de capital cultural e econômico (7).

Dito isso, pode-se argumentar que a medicina popular se fundamenta em um corpo de conhecimento que sofre mudanças espaço-temporais, posto que possui um modo de transmissão essencialmente oral e gestual que não se transmite através da instituição médica, mas por intermédio da família e da vizinhança. Essa transmissão oral e gestual é

fundada na prática, de modo que os mais novos aprendem com os mais idosos ao vê-los atuar socialmente através do desempenho de atividades que, no futuro, poder-se-ão tornar um de seus afazeres e uma de suas atividades (8).

É pertinente destacar que são bastante conhecidos e discutidos no Brasil e no mundo o comércio e o uso de plantas medicinais, onde a medicina popular, consubstanciada através de plantas, é amplamente praticada por raizeiros e raizeiras, de modo que se apresenta em franca expansão (9). Nesse contexto, eles estão inseridos em feiras livres e mercados, e destacam-se como figuras marcantes com espaço garantido nas ruas; comercializam plantas medicinais e produtos fitoterápicos, e orientam como usá-los e prepará-los para curar as mais diversas doenças, apesar de não possuírem um conhecimento aprofundado acerca do que comercializam, seus efeitos adversos e interações medicamentosas (10-11).

Nesse artigo pretende-se discutir questões que abrangem os raizeiros e raizeiras sem esgotar o tema, no entanto, o que será feito a partir de uma revisão da literatura, a qual se mostra como uma seara propícia de fundamentos consonantes à construção de saberes que se envolvem em um processo educativo dialógico, conforme os pressupostos da Educação Popular e da Educação Permanente em Saúde, tendo em vista que é possível haver maiores digressões sobre o tema.

MATÉRIAS E MÉTODOS

Este artigo constituiu-se de uma revisão da literatura em que se analisa a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado da arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos e subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada (3).

Para isso, foram utilizados os seguintes critérios de refinamento: estudos publicados entre 2000 e 2012; em português, inglês e espanhol; exclusão de textos coincidentes. Foram analisados segundo o autor, o ano de publicação, o local, o período do estudo, o grupo alvo e a metodologia adotada. No total, foram 11 artigos e, desses, apenas 6 atenderam aos critérios de refinamento.

Foram, então, acessados no dia 3 de julho de 2012, nos bancos de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e o National

Library of Medicine, responsável pelo MEDLINE, utilizando-se as palavras do descritor nos idiomas referentes (Raizeiros, Raizeiras, Raizeiros e Raizeiras, Raiceiros, Plantas Medicinais, Feiras Livres, Conhecimento Popular), tanto no singular como no plural, no campo palavras do título.

No LILACS foram encontradas 9 referências que foram impressas (algumas com disponibilidade do título, ano e local de publicação, outras também disponibilizavam o resumo). Foram excluídas as repetições (2 referências) e as publicações que não se relacionavam com o tema ora proposto (2 referências), das quais todas eram nacionais. No MEDLINE foi localizada uma referência.

Algumas dificuldades encontradas para a coleta de dados foram a não disponibilidade de alguns resumos e também o fato de que alguns deles não continham informações sobre as abordagens metodológicas e objetivos dos trabalhos, de modo que foi preciso realizar-se uma leitura integral de todos os artigos e demais produções acerca do tema que se enquadraram para efeito do estudo.

O tratamento dos dados foi realizado por meio da análise qualitativa dos artigos selecionados, de modo que se partiu de uma leitura prévia de subtemas do uso popular de plantas medicinais em livros / textos, além de outras obras de referência, para discussões referentes a eles.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes de maiores digressões, é pertinente salientar que nenhum dos artigos encontrados tratou, diretamente, dos raizeiros e raizeiras, como salvo o artigo intitulado “Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil)” (13), o qual objetivou realizar um estudo etnobotânico de espécies vegetais nativas utilizadas como plantas medicinais na comunidade rural de Laginhas, que citou os raizeiros apenas como depoentes que foram nominados como “especialistas locais” no que diz respeito ao saber sobre as plantas medicinais.

O artigo citado apenas apresenta um levantamento das potencialidades dos recursos vegetais disponíveis naquela comunidade, visando a traçar planos de recuperação e de conservação da área estudada, assim como a otimizar os usos originais das plantas atribuídos pelos moradores, complementando a renda da população ao

mesmo tempo em que amplia as perspectivas das gerações futuras quanto ao usufruto desses recursos.

Em outro artigo, intitulado “Estudo etnobotânico de plantas medicinais para problemas bucais no município de João Pessoa, Brasil” (14), realiza-se um estudo etnobotânico sobre a indicação de plantas medicinais para tratamentos de patologias bucais, bem como se investiga o uso de plantas medicinais entre pacientes de serviços odontológicos na cidade de João Pessoa, Brasil. Neste estudo foi aplicado um formulário aos raizeiros a fim de descobrir quais plantas medicinais eram mais comercializadas para problemas bucais. No que diz respeito aos raizeiros entrevistados por tal pesquisa o conhecimento acerca de plantas medicinais foi adquirido, em sua maioria, através de familiares e livros.

No estudo “O que vêm da terra não faz mal – relatos de problemas relacionados ao uso de plantas medicinais por raizeiros de Diadema/SP” (15) buscou-se identificar e descrever as possíveis reações adversas, bem como casos de intoxicações e outros problemas decorrentes do uso de plantas medicinais, relatados pelos raizeiros da cidade de Diadema – SP, e ocorridos em usuários que procuraram seus serviços.

Os raizeiros detêm um conhecimento sobre o “poder de cura” associado às plantas medicinais, sua forma de uso, posologia etc. Isso baseado na sua própria experiência e em informações adquiridas empiricamente; sendo reconhecidos pela população usuária como uma espécie de “médico”, capaz de indicar a erva correta para o tratamento de determinados males.

No artigo, “Plantas medicinais comercializadas no Mercado Municipal de Campo Grande-MS”, os autores traçam seus objetivos visando a realizar um levantamento etnofarmacológico das principais espécies vegetais comercializadas no Mercado Municipal de Campo Grande (MS). O estudo foi realizado através de entrevistas com os raizeiros, e investigou as informações científicas disponíveis sobre essas espécies, buscando compará-las com os saberes populares. Em face disso, os resultados obtidos demonstram que as informações dos raizeiros afetos ao uso terapêutico das plantas citadas como medicinais coincidem em quase 50% com as indicações etnofarmacológicas encontradas na literatura, no entanto, somente 34,8% têm alguma atividade farmacológica comprovada (16).

Fatos como esses merecem atenção, pois, mesmo existindo correlação positiva entre a automedicação e as plantas mais indicadas e/ou solicitadas pelos raizeiros aos

usuários que os procuram, indicam constatações que dão suporte ao pressuposto de que as plantas fazem parte do arsenal terapêutico da medicina popular, que deve ser mais bem guiada a partir de formações e complementações que visem a uma melhor precaução, por parte dos raizeiros, ao recomendarem as plantas medicinais.

Em um trabalho intitulado “Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no Centro de Campo Grande, Mato Grosso do Sul” (17), objetivou-se realizar um levantamento etnobotânico das principais espécies comercializadas pelos raizeiros que operam no centro da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Averiguando as qualidades das espécies mais comercializadas; investigando as informações científicas disponíveis sobre essas espécies e comparando-as com as informações sobre seu uso popular. A última etapa da investigação consistiu em correlacionar as espécies vegetais mais adquiridas ou indicadas pelos raizeiros e os dados disponíveis sobre a prática da automedicação em Campo Grande (17). Com relação ao conjunto das espécies levantadas, constatou-se que há coerência entre a utilização das espécies mais solicitadas e/ou indicadas pelos raizeiros e a distribuição dos motivos e sintomas mais relatados por aqueles que adquirem medicamentos em farmácias e drogarias campograndenses, bem como com a distribuição dos grupos farmacológicos mais utilizados na automedicação na cidade (18).

Considerando que há lacunas de informação no conhecimento etnobotânico e etnofarmacológico dos tradicionais pantaneiros do Rio Negro, na sub-região do Pantanal e dos raizeiros dos municípios de Aquidauana e Miranda, do estado de Mato Grosso do Sul, o estudo citado visou a identificar as plantas utilizadas na medicina popular e sua utilização a fim de recuperar o conhecimento etnobotânico e etnofarmacológico destas comunidades (19).

As informações obtidas indicam que os raizeiros são ex-moradores de áreas rurais, que se mudaram para as cidades, sob a justificativa de procurar uma vida melhor. No entanto, eles ainda mantêm os costumes rurais, cultivando ervas no quintal, mesmo quando vivem perto de farmácias. Esses recentes moradores urbanos utilizam a medicina natural rotineiramente, e compartilham seu vasto conhecimento de ervas medicinais com os familiares e vizinhos próximos. No entanto, observou-se que quanto maior o tempo vivido na cidade, maior é a dificuldade para listar um número significativo de espécies que tivessem sido usadas em sua realidade anterior, quando eram habitantes do meio rural (19).

Como esses grupos populacionais são restritos e muitas vezes ameaçados por mudanças ambientais, que alteram seu estilo de vida e cultura, a recuperação desse conhecimento etnobotânico é fundamental para o resgate de tradições que poderão, em breve, ser perdidos.

Percebe-se, com esse apanhado de informações, que se reconhecem as potencialidades dos raizeiros e raizeiras considerados multiplicadores de um saber que é confirmado, na menor parte dos casos, ao se realizarem os estudos etnobotânicos e etnofarmacológicos.

Contudo, observa-se certa distância entre ao saber popular e o científico, de modo que se deve lidar com esses dilemas, posto que constituem uma “ecologia de saberes”, onde o pensamento se abre como premissa para a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimentos que extrapolam o saber científico. Isto implica renunciar a qualquer epistemologia geral (20).

Em todo o mundo, não só existem diversas formas de conhecimento da matéria, sociedade, vida e espírito, como também muitos e diversos conceitos sobre o que conta como conhecimento e os critérios que podem ser usados para validá-lo. No período de transição que iniciamos, no qual resistem ainda às versões abissais de totalidade e unidade, provavelmente precisamos, para seguir em frente, de uma epistemologia geral residual ou negativa (20).

É pertinente ressaltarmos que não se trata apenas de uma disputa entre formas de conhecimento ou da promoção da diversidade de saberes e da valorização cultural; é preciso enfatizar que o uso irracional de plantas medicinais é um comportamento que inclui riscos, em se tratando, neste caso, dos raizeiros e raizeiras como multiplicadores desse saber, é preciso propiciar-lhes melhores ferramentas e mecanismos que viabilizem uma prática que se harmonize com o bem-estar e a saúde da população.

CONCLUSÕES

Face ao exposto, os resultados deste estudo revelam que ainda permanece viva a cultura popular de cultivo, coleta, preparo, indicações e uso de plantas medicinais, como forma de tratamento para algum mal ou enfermidade, que tanto contribuiu e ainda continua colaborando para a prática e o desenvolvimento da medicina popular.

O conhecimento da fitoterapia contribui fundamentalmente para a utilização racional das plantas medicinais, cabendo aos profissionais da área de saúde, fornecer subsídios e orientações para que as comunidades que buscam os Raizeiros e Raizeiras venham usufruir, da melhor maneira possível, dessa prática milenar que acompanha a história da humanidade.

Assim, a inter-relação entre conhecimento popular e o científico se dá, nesse caso, no momento em que as ciências relacionadas partem do conhecimento empírico para tentar identificar, cultivar e conhecer as propriedades botânicas, químicas, farmacológicas e toxicológicas, a fim de recomendar, ou não, o uso de determinada espécie para dada finalidade terapêutica.

Esses fatos demonstram que estudos desta natureza devem ser realizados, para melhor resgate e valorização da prática dos raizeiros e raizeiras ainda sendo necessário que estudos aprofundem as questões aqui levantadas e discutidas visando ao incentivo e à qualificação desses protagonistas da existência.

REFERÊNCIAS

1. Lorenzi H, Matos FJA. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. São Paulo: Nova Odessa. Editora Plantarum; 2002.
2. Dantas IC. O Raizeiro. Campina Grande – PB. Encarte; 2007.
3. Tomazzoni MI, Negrelle RRB, Centa ML. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. Botucatu: Projeto a cura pelas plantas; 2006. p. 115 – 21.
4. Oliveira ERO. O que é medicina popular. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense. Coleção Primeiros Passos; 1985.
5. Dourado ER. Comercialização de Plantas Medicinais por “Raizeiros” na Cidade de Anápolis-GO. Revista Eletrônica de Farmácia Suplemento [serial on the Internet] 2005 Dec [Cited 2012 June 03]; 12(2): 29-16. Available from: <<http://www.farmacia.ufg.br/>
6. Chassot A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. Revista Brasileira de Educação [serial on the Internet] 2003 Jan-Feb [Cited 2012 June 15]; 22(3): 100-89. Available from: <<http://stoa.usp.br/qfl3501/files/313/1395/alfabetiza%C3%A7%C3%A3o+cient%C3%ADfica.pdf>>
7. Lopes ARC. Ensino de química e conhecimento cotidiano. Editora Moderna. Versão ampliada do trabalho apresentado sob a forma de painel na Divisão de Ensino de Química da XX Reunião Anual da SBQ, Poços de Caldas, Minas Gerais; 2008.
8. Jorge SSA, Morais S RJ. Etnobotânica de plantas medicinais. In: Coelho MFB, Júnior PC, Dombroski JLD, organizador. Diversos olhares em etnobiologia, etnoecologia e plantas medicinais: anais do I Seminário Mato-grossense e II Seminário Centro-Oeste de plantas medicinais. Cuiabá: Unicen; 2003. p. 99-89. Nunes GP, Silva MF, Resende UM, Siqueira JM. Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no Centro de Campo Grande – Mato

- Grosso do Sul. Rev. Bras. Farmacog [serial on the Internet]. 2003 Jun-Dec. [Cited 2012 June 11] 13 (2): 92-83. Available from: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v13n2/a04v13n2.pdf>
9. Araujo TS, Brito CR, Aguiar MCRD, Carvalho MCRD. Perfil sócio-econômico dos raizeiros que atuam na cidade de Natal (RN). Infarma, CFF [serial on the Internet] 2003 Dec [Cited 2012 June 13]; 15(1/3): 79-77. Available from: <<http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/19Alves.pdf>.
 10. Veiga JR, Maciel MAM; Pinto AC. Plantas medicinais: cura segura? Quim Nova 28; 2005. p. 528-519.
 11. Noronha DP, Ferreira Sueli MSP. Revisões de literatura. In: Campello, BS; Condón BV, Kremer JM, organizador. Fontes de informação para pesquisadores e profissionais. Belo Horizonte: UFMG; 2000.
 12. Roque AA, Rocha RM, Loiola, MIB. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). Rev.Bras. PI. Med. [serial on the Internet]. 2010 Jun-Dec. [Cited 2012 June 11] 12(1): 42-31. Available from: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpm/v12n1/v12n1a06.pdf>.
 13. Santos EB, Sampaio FC, Dantas GS, Santos HB, Forte FDS. Estudo etnobotânico de plantas medicinais para problemas bucais no município de João Pessoa. In: V Congresso Paraibano de Odontologia, 2007, João Pessoa. Anais do V Congresso Paraibano de Odontologia, 2007.
 14. Schaefer L, Lanini J, Almeida JM. "O que vem da terra não faz mal" – uma visão dos raizeiros de Diadema/SP. In: XX Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil / X InternationalCongressofEthnopharmacology, 2008, São Paulo. XX Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil / X InternationalCongressofEthnopharmacology; 2008. p. 129-121.
 15. Ustulin M, Figueiredo BB, Tremea C, Pott A, Pott VJ, Bueno NR, Castilho RO. Plantas medicinais comercializadas no Mercado Municipal de Campo Grande-MS. Bras.Farmacog [serial on the Internet]. 2009 Jun-Dec. [Cited 2012 June 10] 19(2): 814-806. Availablefrom: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v19n3/26.pdf>.
 16. Nunes GP, Silva MF, Resende UM, Siqueira JM. Plantas medicinais comercializadas por raizeiros no Centro de Campo Grande – Mato Grosso do Sul. Rev. Bras. Farmacog [serial on the Internet]. 2003 Jun-Dec. [Cited 2012 June 11] 13 (2): 92-83. Available from: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v13n2/a04v13n2.pdf>.
 17. Castro MSA. Mecanismos envolvidos no efeito antinociceptivo do 3-0-glicosil-dihidrocanferol, flavonóide extraído dos rizomas de *Cochlospermumregium* ("algodãozinho"). São Paulo; 2000.
 18. Bernardo WM, Nobre MRC, Jatene FB. A prática clínica baseada em evidências. Parte II - buscando as evidências em fontes de informação. RevAssocMedBras 2004; 50(1):104-8.
 19. Santos, BS. Um discurso sobre as ciências. Porto: Afrontamento, 1987.

Recebido: julho / 2012

Aceito: outubro / 2012